

RECOLEÇÃO DO CLERO

Seminário Maior do Porto, 03.12.2020

Textos da reflexão de D. António Taipa

**ENCONTRO COM SACERDOTES
SEMINÁRIO MAIOR
2020.12.03**

O que vou fazer, inspira-se no que o nosso Papa Francisco nos vem dizendo:

- Este tempo de pandemia, entende-o como uma interpelação a uma “vida nova”. Repete-o ele em muitas das suas intervenções

- Única fonte desta “vida nova” é a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo:

São +palavras dele: “Convido todo o cristão em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de o procurar dia a dia, sem cessar”. Ex. Ap. Evangelii Gaudium, nº 3

“DEUS CONCORRE EM TUDO PARA O BEM DOS QUE O AMAM”

PANDEMIA

1 - Andava o homem muito entretido a dar forma à sua irreprimível vontade e necessidade de viver. Com o seu trabalho. Com o seu estudo e investigação. E assim ia sendo. Crescendo e aprendendo. Progredia.

Espaço desta aprendizagem, era a teia de relações que era chamado a viver com os demais seres da criação. E com o Criador.

2 - Mas não foi uniforme o seu crescimento. Foram aparecendo muitas assimetrias. Sociais, culturais. Eram feridas do progresso que não poderiam deixar de perturbar a paz e o bom entendimento entre os homens. As nações e os povos.

3 - E eis que, de maneira absolutamente inesperada e imprevisível o homem se vê confrontado com um inimigo particularmente poderoso, desconhecido. Ataca e de maneira letal em toda a parte, por todo o lado. Não se vê. Não dá a cara. Não avisa nem previne. Deixa um rasto de morte horroroso.

4 - Num instante o homem sente-se reduzido à sua “nudez”. À sua pobreza. À sua incapacidade e limitação. A olhar para as suas mãos vazias!. Ou cheias de nada, o que é pior. Chega ao seu limite. Todos e em todo o lado partilham os mesmos medos, as mesmas interrogações e dúvidas.

Uma terrível pandemia. O vírus é novo. É uma grande interrogação. O mundo pára. A inteligência humana entrega-se à busca de um antídoto. Como? Sem, antes, identificar o inimigo?!

Como conseguirá a libertação? Como salvar-se de tamanha epidemia?! Como entender isto? Como viver esta situação?

5 - É este “um tempo” dentro do nosso tempo. Um tempo neste tempo de salvação que é o nosso. É um tempo na plenitude dos tempos. É também este um tempo de graça, naquele “hoje” de Deus: “Hoje cumpriu-se esta palavra” (Lc 4, 21)

Um tempo ao lado o qual não podemos passar, “simplesmente”, à espera que acabe. Também este é um “espaço” de diálogo com Deus. Com o Pai que, fazendo-se história e tempo na encarnação de seu Filho, fazendo-se homem para nos falar, continua a interpelar-nos. Agora, hoje, É um Tempo que continua a ser Palavra. Vamos tentar ouvi-lo. E porque sendo Palavra, é também resposta à Palavra, vamos tentar vê-lo à luz da Mesma palavra..

À ESCUTA DO “TEMPO”

6 - Reduzido à sua verdade, à verdade da sua simplicidade, da sua pobreza e da sua dependência, o homem deixa transparecer também, muitas das capacidades, muito da sua “grandeza” que parecia escondida.

Reencontrou-se um homem solidário, que tem necessidade do outro, e ao outro se deve. Como ser social que é. Pronto a socorrer o outro. Disposto a dar tudo de si pelo bem do seu semelhante. Diante do perigo alheio, não discute, “vai” e vai até onde for preciso, mesmo com o risco da própria vida.

De repente deixaram de vigorar as diferenças, as assimetrias que os homens fizeram nascer entre si.. Aproximaram-se, foi, e é e vai sendo uma bela experiência, como foi e é e vai sendo um grande desafio. ¹

E na outra face da moeda também aparecem os misteriosos efeitos da primitiva desobediência em que o homem envolveu a própria criação que espera ansiosa a libertação dos Filhos e Deus (cf Rm 8,18). Aqueles que, na linguagem do Papa Francisco “tem as mãos nos bolsos”, não estendem a mão... ²

É um convite, este tempo, a voltarmos à fonte da nossa verdade, da nossa vida naquela novidade para que vamos caminhando. Não se trata de regressar. De voltar Àquilo que deixamos de ser. A ressurreição, em que acreditamos a ressurreição de Jesus e a que somos chamados é vida sempre nova. Não se compadece com transformadores ou substituições. É vida simples mente. E por isso novidade. Estamos em mudança. E queremos que seja para melhor. E trabalharemos para isso. É o grande desejo do Santo Padre. «É o grande desafio desta hora.

Sendo assim, esta pandemia convida

- A buscarmos aquela verdade de nós que já esquecemos. Somos imagem de Deus, dum Deus que é Amor. Também nós somos Amor. Deus é amor e nós amamos. A nossa vocação...

¹ PAPA FRANCISCO, Mensagem para o IV Dia Mundial dos Pobres 2020, nº 6

² IBID nº 9

- A converter-nos do amor-próprio em que caímos, do egoísmo que nos ataca, do “dinheiro” que nos conquistou, de tudo o que nos fere e desfigura, à Paz de Deus. Ao Amor. À civilização do Amor.

UMA LEITURA DO TEMPO

7 - Vamos tentar uma leitura desta situação a partir da Palavra de Deus, concretamente dos seguintes textos: Rm 8, 28-30; Rm 6, 3-4; Jo 16,18-23.

Rm 8, 28-30: “Ora nós sabemos que Deus em tudo concorre para o bem daqueles que O amam, desses que, segundo o seu desígnio, são eleitos. 29 Pois aqueles que conheceu de antemão, destinou-os também para serem conformes a imagem de seu Filho a fim de que este fosse o primogénito de muitos irmãos. E aqueles que destinou também os chamou;àqueles que chamou também os justificou, e àqueles que justificou também os glorificou.”

8 - Como podemos dizer alto estas coisas diante do que vamos vendo, sofrendo e experimentando.?! Como se entende? Tantos protestos de amor de Deus e a Deus, se a vida, a história, o parece contradizer? Vamos tentar uma resposta, uma resposta simples, que procuraremos na simplicidade da nossa fé.

Vamos tentar encontra-la no âmbito alargado do Diálogo salvífico de Deus com o Homem.

Começaremos por dizer que, não estamos sós nestas interrogações e dificuldades. Não somos originais. Originais seríamos se não nos interrogássemos. Se não nos espantássemos.

Não estamos sós neste nosso não saber. São situações que aparecem muito ao longo da História da Salvação, em cujo projeto somos chamados a participar. Abraão - sacrificar o filho!? Aqui quem se interrogou foi o Filho: "Pai onde está o cordeiro para o holocausto?" (Gn 22,7). Como se entende o que se está a passar? Não há cordeiro! Tamém o Pai, no seu íntimo, se interrogará sobre o sentido do que se está a passar! E a promessa!? Deus sabe.

9 - Mas há situação mais complicada e mais difícil: "*Meu Deus, Meu Deus porque Me abandonaste?* (Mt 27,46; Mc 15,34). *Jesus não entende...*

Como é possível? Jesus está no momento maior da sua entrega ao Pai, do seu Amor? Como é possível? Trata-se certamente da experiência terrível duma aparente ausência de Deus. Sim, aparente, porque Deus está. Ressuscita-o. É a sua presença. É na medida que Jesus se dá que o Pai O pode entregar...

O mistério da situação encontramos-lo já na contradição entre os próprios membros, da expressão de Jesus:

Efetivamente "Meu Deus, Meu Deus" é a fórmula da aliança: Vós sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus. Assim se confessa, assim se alimenta e se procura a maior comunhão com Deus. O Deus da aliança "Porque me abandonaste?" É o contrário. E aí vai a grande dor de Jesus - a solidão, o abandono dos amigos, do Pai. Dor tanto maior quanto é incomensurável a comunhão que Jesus vive... aí.

João dá-nos uma versão um pouco mais suave “Agora a minha alma está perturbada. E que hei-de dizer? Pai, salva-me desta Hora? ‘Mas por causa disto é que cheguei a esta hora. Pai glorifica o teu nome” (Jo 12, 27).

10 - Surpreendidos diante do Ressuscitado que lhes parece um fantasma, os discípulos ficam apavorados (Mc 6,49; Lc 24,37.39). Não entendem. Foi precisa uma palavra de Jesus para chegar à verdade do que lhes aparecia.

E o arrojo do profeta que em pleno cativeiro, numa situação toda de abandono, em que perderam tudo, a terra, as instituições religiosas e políticas, uma situação de desaparecimento iminente, tem a coragem de dizer, em nome de Deus: “Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho de seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti” Mas como?! (Is 49,15; cf Is 54,8).

11 - Mas vamos ao nosso texto.

Paulo está a transmitir aos seu leitores a certeza do alcance da glória, a que todo o cristão é chamado por direito de herança e de associação com Jesus Cristo. ³

Este é o último, de quatro argumentos que apresenta:

Primeiro - Toda a criação espera ansiosa a sua libertação de toda a escravidão e corrupção (Rm 8,19,s)

³ CIPRIANI, Settimio, *Le lettere di S.Paolo*, Cittadella Editrice, 1965, pag.. 448ss

Segundo - Também nós, gememos interiormente esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo, pois nós fomos libertados mas em esperança (Rm 8,24s)

Terceiro - É a inefável oração do Espírito Santo dentro de nós (Rm 8, 26-27)

Quarto - É o conhecimento do plano salvífico de Deus, v. 29 (Rm 8, 28-30), estendido a todos os homens e de que todos os homens beneficiarão. Tudo concorrerá, pois, para a realização desse plano concebido por Deus desde antes da criação. Podemos não saber como. Pode não nos ser claro, mas acreditamos. Este será o pensamento que mais estimula Paulo. Saber-se objeto do amor divino desde toda a eternidade. ⁴

12 - Na criação, nada acontece por acaso, tudo obedece a uma decisão prévia, “a participação” naquela glória de Deus. É a reconciliação de tudo e todos com Deus, é o constituir-nos a todos filhos adotivos em Jesus Cristo. É reunir o universo inteiro à volta de um único chefe, Jesus Cristo, como Paulo dirá em Ef 1,3ss. O fim último a que tende o plano salvífico de Deus, o seu plano de salvação é a “conformidade de todos os crentes à “imagem” de Cristo, de modo que ele seja mesmo o “primogénito entre muitos irmãos (v.29) É este o grande objetivo, do criador, o grande objetivo da criação que sai da sua palavra.. Não falha.

13 - “Tudo” está ordenado no mesmo sentido. Tudo, isto é felicidade e infelicidade, alegria e dores, circunstâncias favoráveis e desfavoráveis, Pandemias e terremotos e maremotos. Tudo. Tudo pode ser visto e

⁴ TRILING, Wolfgang. *Il Nuevo Testamento y su message*, nº 10, Carta a los Efesios, ED Herder, S.A., Barcelona. 1967. pag 24-26

agarrado como graça para quem ama a Deus, não tendo outra preocupação que não seja a sua vontade divina. E se tudo contribui para que o cristão realize o seu destino é exatamente porque, o cristão é objeto de uma vocação precedente a qualquer das suas disposições, que depende só de Deus, do seu amoroso plano, do seu projeto.⁵

PARA O BEM DOS QUE O AMAM

14 - “Quem são os que O amam” - Se “é para os que o amam”, significa dizer que o homem pode boicotar este projeto. Pode romper com o amor a Deus. Não se trata de uma irresistível predestinação, portanto..

“Os que O amam” são os que, pelo batismo são chamados a uma “vida nova”, vida que decorre da participação no Mistério Pascal de Jesus. Dos que são enxertados em Jesus, “ cordeiro de pé e como que imolado” (Ap 5,6), “O alfa e o ómega” (Ap 1,8; 21,6; 22,13), aquele em quem coincidem o princípio e o Fim, o Eterno:

Os que o amam, são aqueles que, pelo Batismo, são feitos participantes na sua morte, para que, como Cristo ressuscitou, também eles levem uma vida nova”. A Participação na Ressurreição, no mistério da Morte/Ressurreição de Jesus é, assim, ter acesso a essa “vida nova”, a uma vida em ressurreição, se podemos falar assim. (ressurreição é um termo dinâmico - Um passar da morte à vida)

⁵ LÉGASSE, Simon, L’Epistola di Paolo ai Romani, Queriniana, Bresscua, 2004, pag 415

15 - *“Ou ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua Morte? Sepultamo-nos pois juntamente com Ele, por meio do batismo, na Morte, para que assim como Cristo ressuscitou dos mortos mediante a glória do Pai, assim caminhemos, nós também, numa vida nova. 5 Efetivamente, uma vez que nos tornamos com Ele um mesmo ser orgânico, por morte semelhante à sua, por semelhante ressurreição o seremos também”.*

“Somos batizados na morte de Jesus..

16 - A morte de Jesus é a expressão maior do infinito amor do Pai, amor que Jesus vive e que Jesus revela. É a expressão final do “sim” obediencial de Jesus ao Pai. O “sim” que destruiu o “não” do pecado do homem, e o “sim” dos mesmos homens na medida em que e estes se unem em amor ao “sim” de Jesus, e tudo para glorificação do Pai.

17 - .“Participar” nessa morte de Jesus significará duas coisas fundamentalmente :

- por um lado significa abrir-se à sua força salvífica e redentora, abrir-se à salvação que por ela Jesus nos merece.

- depois e ao mesmo tempo significa assumir o compromisso duma vida na mesma entrega e doação, em amor semelhante.

Uma “vida nova” , naquele “sim” obediencial, atuado no cumprimento do “mandamento novo”. O mandamento do amor.

Note-se entretanto que Jesus diz “que ama os seus como ama o Pai, e pede que os seus se amem como Ele, isto,é, como Ele ama o Pai.

Penso que aqui se diz mais do que em idêntica intensidade. Dir-se-á também num amor da mesma natureza, da mesma qualidade - divina. Como? Impossível... Jesus já o tinha dito com outros termos” Eu sou o bom Pastor: Conheço as minhas ovelhas, e as minhas ovelhas conhecem-me. Assim como o Pai me conhece , também eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas minhas ovelhas” (Jo 10, 14-15).

“Amar neste mesmo amor” - neste amor divino - torna-se-nos possível porque o Pai colocou o seu amor nos nossos corações pelo Espírito Santo derramado (cf Rm 5.5). É assim: nos amamos no amor de Deus. “Onde houver amor, aí está Deus” - cantamos..

18 - É neste amor - morrendo pelos outros - que “Ressuscitamos”, que fazemos desde já a experiência incoativa da ressurreição, na felicidade que sentimos pela alegria que fazemos nascer no coração daqueles por quem morremos - participando naquela morte de Jesus.⁶

“Morte e ressurreição são duas faces do mesmo acontecimento salvífico central, e o cristão batizado na morte de Cristo, é solidário de todo o destino de Cristo, portanto também da ressurreição ⁷. Na paz que sentimos por participar na realização do projeto de Deus

A caminho, ainda na debilidade desta natureza humana, a caminho da plenitude, vamos sentindo e vivendo as dores e os sofrimentos que, nesta perspectiva devem ser acolhidos como as dores de parto dum mundo melhor, sempre melhor segundo o coração de Deus⁸. Estamos salvos na esperança. É o “já” e o “ainda não” da salvação.

⁶ Rm 6, 4 nota c) BJ - Esta ressurreição que só será total e definitiva no fim dos tempos (1Cor 15,12S; cf Ef 2,6) realiza-se desde agora por uma vida nova segundo o Espírito (vv 8-11; 8,29; Gal 5,16-14)

⁷ Assemblée du Seigneur nº 21 , pag43

⁸ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Sí*, nº 80

Dotres de parto dum mundo novo, dum homem novo que já nasceu em Jesus Cristo.

Aqui a fonte da alegria que ninguém nos tirará.

A ALEGRIA QUE NINGUÉM NOS TIRARÁ

Jo 16,16-22: *“dentro em pouco já me não vereis. E pouco depois voltareis a ver-me. 17 Então alguns dos seus discípulos disseram entre si: “que significa isto que nos diz? Dentro um pouco já me não vereis e pouco depois voltareis a ver-me, e ainda: Eu vou para o Pai?. 18 Diziam pois. “que é esse pouco tempo de que fala? Não sabemos o que Ele quer dizer”. 19 Jesus percebeu que o queriam interrogar e disse-lhes. “Inquiris entre vós acerca daquilo que disse: dentro um pouco e não me vereis e pouco depois voltareis a ver-me?.*

20 Em verdade em verdade vos digo:

Chorareis e lamentar-vos-eis;

o mundo alegrar-se-á

e vós estareis tristes;

mas a vossa tristeza, converter-se-á em alegria.

21 *A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque é chegada a sua hora; mas depois de ter dado à luz o menino, já se não lembra da aflição, pelo prazer de ter vindo ao mundo um homem. 22 Agora. Na verdade, sentis tristeza, mas eu hei-de ver-vos de novo; e o vosso coração alegrar-se-á e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria.”.*

Contexto

Jesus está só com os seus Apóstolos. Deixaram as multidões. O barulho. A confusão da cidade.

O momento é particularmente grave, pesado. A aproxima-se a morte de Jesus. Os seus estarão perturbados: “não se perturbe o vosso coração”.

Jesus prepara-os para a grande “hora”. A Hora que em Caná ainda não tinha chegado. Está a chegar.

“Dentro de pouco já não me vereis” E vós ides ficar tristes. Em razão da minha ausência. Certamente. E ainda porque ao vosso lado sentireis a falsa alegria do mundo que pensa ter eliminado o grande e perigoso agitador do povo.

“Mas pouco depois voltareis a ver-me” e a vossa tristeza converter-se-á em alegria. Uma alegria que ninguém vos poderá tirar. Razão desta mudança será o regresso do Senhor.

Este regresso poder-se-á entender como:

- o Regresso da Ressurreição com o encontro das aparições
- o regresso com a vinda do Espírito. Vinda permanente.
- a última vinda, na parusia. Com a plenitude da salvação da redenção do universo. Com a realização em cada homem do que em Jesus já aconteceu. A plenitude da glorificação.

Nesta perspetiva, a alegria anunciada, a alegria que ninguém poderá tirar-vos, a alegria para sempre, eterna, é a alegria escatológica que,

proporcionando uma incoativa experiência do fim, será também e por isso uma antecipação do futuro.

De igual modo, serão as dores e tribulações. Escatológicas. Também serão assumidas como as dores de parto dum mundo novo. Dum mundo novo, daquela “vida nova” para que somos gerados pelo batismo, como dissemos. Tribulações e dores que entrarão a fazer parte da estrutura da fé. Que serão experimentadas e vividas na serenidade e na paz de quem tem a certeza do “homem novo”, do “mundo novo” que nascerá. E nesta “nova ordem”, continuaremos, felizes, a ouvir a palavra “a vossa tristeza transformar-se-á em alegria”, que vamos já experimentando.

Para este paradoxo, da tristeza que se transforma em alegria já o povo vinha sendo preparado pelos profetas.

Interpretando as dores e sofrimentos de Israel, os profetas foram pressentindo que a ação de Deus consistiria num regresso radical da dor do povo a uma alegria imperecível. Desta ação de Deus o regresso do Exílio tinha sido ao mesmo tempo uma realização e uma figura.

O acontecimento pascal, antecipou, na existência do crente o que esperava a esperança judia. O discípulo pertence a Cristo que passou além das portas da morte.

Podemos ver aqui o contraste entre o carácter inexorável da morte com a qual todo o homem é confrontado e a certeza da fé judeo-cristã que Deus, o Vivo, aniquilará a morte - Ele é um Deus de Libertação.

A alegria devora qualquer espécie de tristeza: - anulou-a. O nascimento dum novo homem anula as dores de parto. ⁹

O encontro para que caminhamos na fé e esperança é a luz e a força para tudo quanto nos é pedido.

⁹ LÉON-DUFOUR, Xavier, *Lecture de l'Évangile selon Jean*, T III, Paris, 1993, p. 247

Uma grande mensagem de Esperança. Na fé em Cristo Jesus as “dores” são anúncio/semente duma grande novidade.

CONCLUSÃO

Participar na realização do projecto que Deus concebeu desde antes da criação do mundo, é o grande convite que Deus nos dirige na ternura da sua misericórdia. Hoje. Com o que nos pede, nesta hora que não é fácil.

Tudo foi criado por Cristo: é por Ele que tudo é, é n’Ele que tudo existe, é para Ele que tudo vive. É nele que tudo se recapitula que tudo encontra a sua coesão, funcionalidade, sentido e razão e ser (cf Cl 1,15-17). Que tudo atingirá a sua plenitude. A salvação. “Tudo avança juntamente connosco e através de nós, para a meta comum que é Deus, numa plenitude transcendente onde Cristo Ressuscitado tudo abraça e ilumina. Com efeito, o ser humano, dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador”¹⁰ É o projeto.

Deus quer servir-se de nós para para a sua realização. Dos nossos projetos e criações, dos nossos sonhos e esperanças. Das nossas dores e sofrimentos. Angústias e tribulações. Não quer que nada se perca. “Deus até é capaz de tirar algo de bom dos males que praticamos”¹¹

O “como” da nossa resposta vai sendo determinado pelo que o mundo exige e espera de nós

¹⁰ FRANCISCO, Carta Encíclica *çaudato Sí* (24 de Maio de 2015)

¹¹ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Sí*, (24 de Maio 2015) nº 80

A nossa alegria! Haverá maior? Haverá alguma coisa ou alguém que no-la possa tirar?! Perseguições, pandemias ou...

Haverá incentivo maior para a luta e abnegação a que a vida tantas vezes nos convida?

Haverá maior e mais profunda referência de sentido para quanto na vida possa ser sacrifício, angústia, tribulação? Também neste nosso “agora”?

Haverá grelha de leitura da vida que mais a ilumine e de maneira mais profunda e mais rica de sentido?

A caminho de um mundo e de uma sociedade que esperamos e queremos melhores.

PARA REFLEXÃO

Uma hipótese

1 - Nascido para a “Vida Nova” (Rm 6,4)

2 - ...fui chamado - “não fostes vós que me escolhetes, fui eu que vos chamei (Jo 15,16) para irdes e dardes fruto

3 - .. a participar na realização do projecto de Deus (Rm 8,29; Ef 1,3sss)

4 - ... na novidade daquela vida feita dom em Cristo, no âmbito do mandamento novo, (Jo,15-12)

5 - ... vida que me ensina a aceitar quanto acontece, para o meu bem, no bem de todos os irmãos (Rm 8,28).

6 - ... o meu “privilégio” a viver no compromisso histórico com quem me foi confiado